

TEMA II - PROGRAMAÇÃO DAS CADEIRAS DE ENFERMAGEM

Amália Corrêa de Carvalho*

As determinações da Portaria 159/65 do Conselho Federal de Educação sobre a carga horária dos cursos superiores constituem ainda motivo de preocupação para diretoras e docentes de escolas de enfermagem. Quase todas as escolas sentiram, na época, a necessidade de reformularem os respectivos programas a fim de atingir o total de horas de aulas deter

* Professora de Pedagogia e Didática aplicada à Enfermagem, da Escola de Enfermagem da USP.

minadas pela referida Portaria. O pouco valor atribuído à prática supervisionada fez surgir nos cursos de enfermagem a tendência de aumentar o tempo destinado à instrução teórica formal em salas de aula e diminuir os períodos de estágio nas enfermarias.

Embora muitas educadoras contestassem ser essa a maneira acertada de encarar o problema, houve modificação de alguns programas nesse sentido. A própria existência da portaria, porém, serviu para alertar as doentes de enfermagem sobre a verdadeira importância dos estágios supervisionados no ensino da enfermagem. Estes não constituem meras práticas repetitivas ou trabalhos de rotina nas enfermarias, mas atividades selecionadas de acordo com os objetivos do ensino da cadeira ou disciplina a que correspondem; constituem, portanto, experiências de aprendizagem nas quais o estudante é levado a aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula a situações práticas reais, sob a direção e orientação da professora. Por conseguinte, supervalorizar o ensino estritamente do ensino teórico em detrimento do ensino teórico-prático é critério inaceitável sob o ponto de vista da formação de enfermeiros; parte da eficiência dos programas de enfermagem depende de uma proporção equilibrada entre os períodos destinados ao ensino teórico e à prática supervisionada; e essa proporção, por sua vez, depende do bom planejamento de cada uma das cadeiras ou disciplinas do curso.

Planejamento dos cursos de enfermagem

Programar e planejar ou planejar são verbos que se equivalem na linguagem didática, assim como os substantivos correspondentes, e significam projetar, traçar um plano ou programa. E a palavra curso é usada quer no sentido de uma série de assuntos de determinada disciplina, quer como o conjunto das matérias ensinadas num estabelecimento educacional. Daí a diferença entre planejar o currículo de um curso e planejar o curso de uma disciplina.

Planejar ou programar o curso de uma disciplina consiste em determinar com antecipação, resumidamente e por escrito, todas as atividades que vão ser desenvolvidas dentro do período de tempo destinado ao ensino dessa disciplina. Consiste, portanto, em traçar um plano de ação para o professor e

para os alunos, em que fiquem determinados:

- quem vai aprender - número e tipo de alunos, preparo anterior, conhecimentos, destrezas e habilidades que já possuem, motivação para a disciplina em foco;

- o que o professor deseja que o aluno aprenda, isto é, quais as mudanças de comportamento que espera dêe no final da instrução; quais os conhecimentos que deve adquirir, quais as destrezas, habilidades e atitudes que deve desenvolver;

- quando deverá ser dada a instrução: série, semestre, período; calendário semanal e do curso, ou seja, quantas horas por semana e quantas no total;

- como deverá ser desenvolvido o curso: métodos e técnicas pedagógicas, auxílios audio-visuais que serão utilizados, bibliografia a ser consultada, programa de atividades e tarefas planejadas para os alunos. Com relação a êste item é essencial considerar que, no ensino da enfermagem, o programa de atividades para os alunos inclui necessariamente a prática su pervisionada no hospital ou em unidades sanitárias. O conteúdo teórico do curso só tem valor na medida em que possa contri buir para desenvolver no aluno a habilidade de planejar e dar uma assistência de enfermagem de boa qualidade;

- como deverá ser avaliado o aluno: critério que será seguido para determinar o rendimento de cada estudante na teoria e na prática e instrumentos para sua verificação.

Devido à estreita relação que existe entre o conteúdo de um curso e sua carga horária, isto é, entre o que os alunos necessitam aprender e a disponibilidade de tempo para a instrução teórica e prática, essa parte do planejamento merece consideração especial. A relação da matéria a ser lecionada não é feita indiscriminadamente pelo professor, dentre os tópicos ou assuntos que constituem a disciplina, mas obedece a um critério válido para o professor e para o aluno - é determinada pelas metas que ambos desejam atingir. Formular, portanto, os objetivos de sua disciplina deve ser a primeira preocupação de todo educador.

Objetivos das cadeiras de enfermagem

Antes de tomar qualquer decisão quanto ao conteúdo do curso será mister examinar o preparo prévio, a bagagem

de informações que os alunos trazem de cursos anteriores e de terminar a finalidade do programa em estudo. O exame de cada uma dessas duas fases preliminares auxilia o professor a evitar repetições desnecessárias e a se manter dentro do que interessa e do que é útil para o estudante.

Determinação do comportamento inicial: Para a verificação de quanto o aluno já aprendeu e, portanto, do quanto já sabe, a professora deverá examinar o conteúdo dos programas anteriores e elaborar uma lista que contenha as informações, os conhecimentos, as habilidades mentais e verbais adquiridos no decorrer do curso em aulas e trabalhos escolares, bem como as destrezas ou habilidades técnicas desenvolvidas durante o estágio prático nas enfermarias. A troca de idéias com as professoras das disciplinas já lecionadas, focalizando aspectos dos respectivos programas e as experiências de aprendizagem oferecidas no campo de prática constitui, sem dúvida, auxílio de inestimável valor para essa verificação.

Comportamento final: A determinação das metas finais a serem atingidas exige maior cuidado e atenção. Antes de iniciar a formulação dos objetivos do seu curso, a professora deverá estar perfeitamente segura do que espera que os estudantes aprendam durante o período de tempo que a ela estarão entregues. Para não haver dúvidas quanto a esse ponto é essencial que anote em colunas ou folhas separadas, as novas destrezas e habilidades mentais e motoras que os alunos deverão desenvolver, os novos hábitos e conhecimentos que deverão adquirir e sem os quais não poderão passar para a disciplina ou curso seguinte.

Se tomarmos como exemplo o planejamento do curso de enfermagem psiquiátrica, a orientação a seguir seria:

1. Examinar o conteúdo dos programas anteriores e anotar resumidamente o que o estudante sabe e é capaz de fazer; o que aprendeu nas disciplinas de enfermagem que já teve e, especialmente no caso da enfermagem psiquiátrica, o que aprendeu nos cursos das ciências sociais e do comportamento; quais as habilidades técnicas que possui; que tipo de assistência de enfermagem já é capaz de planejar e dar; que tipo de relaciona

mento pode ter com os pacientes; qual sua capacidade de comunicação com os mesmos, etc.;

2. determinar o que o estudante deverá ser capaz de fazer e o que deverá saber a mais quando terminar o curso teórico e o estágio correspondente. Anotar, separadamente:

a) as técnicas e os tratamentos específicos da enfermagem psiquiátrica;

b) as habilidades mentais e verbais específicas indispensáveis à assistência ao doente psiquiátrico (observação, raciocínio, relacionamento ou comunicação verbal e não verbal, etc.);

c) as informações e os conhecimentos de enfermagem psiquiátrica que o estudante deverá aprender e ser capaz de demonstrar que sabe, ao término do curso, incluindo a fundamentação clínica e a farmacologia especial.

Esse é o procedimento que Mager (1) recomenda a fim de se determinar os objetivos de uma disciplina em termos do comportamento final que se espera do aluno.

A formulação de bons objetivos educacionais constitui sempre dificuldade quase insuperável para alguns professores. A preocupação com a forma e apresentação, o desejo de ser conciso e ainda assim, claro, a necessidade de incluir muitos alvos em poucos objetivos, de englobar muitas idéias em poucas palavras, enfim, de ser completo sem ser prolixo, são fatores que levaram a uma distorção do sentido e do valor dos objetivos. Estes tornaram-se um tanto abstratos, vagos, difíceis de serem medidos, incompreensíveis para os alunos a quem, diga-se de passagem, raramente eram dados a conhecer e, ainda que o fôssem, talvez não chegassem a lhes comunicar a verdadeira intenção do professor.

Para Mager os objetivos devem constituir o meio pelo qual o professor comunica aos alunos o que espera deles no final do curso; expõe sua intenção, descreve as modificações de comportamento que deseja provocar e em que circunstâncias

(1) Mager, Robert F. - Preparing Instructional Objectives. Palo Alto, Fearon Publishers, 1962.

devem ocorrer e, ao mesmo tempo, como serão avaliadas. Para que a comunicação seja bem feita, segundo esse mesmo autor na obra já citada, é necessário:

- usar expressões ou palavras simples, de interpretação única e que descrevam uma atividade fácil de ser avaliada. É recomendada a utilização de verbos de ação, como: resolver, identificar, diferenciar, solucionar, construir, enumerar, citar, comparar;

- evitar expressões ou palavras que favoreçam interpretações diversas e que descrevam atividades difíceis de serem avaliadas, como justamente os verbos que têm sido mais utilizados na formulação de objetivos e que são: conhecer, compreender, saber, apreciar, acreditar, captar ou aprender o sentido de, etc.

A quantidade de objetivos para uma aula, uma unidade ou um curso, não tem limite determinado; depende da instrução a ser dada. Quanto maior seu número tanto melhor a comunicação entre professor e alunos, e tanto mais fácil a seleção das questões de provas e exames - essas devem derivar naturalmente das metas propostas para a instrução. Ao receber a folha com os objetivos do curso o aluno passará a ter em mãos um instrumento para a avaliação do próprio progresso na disciplina.

A maneira de fazer essa comunicação ao aluno é muito importante; o enunciado preliminar deverá ser curto, direto, em linguagem clara e simples, seguindo-se a enumeração das atividades que dele se espera. Exemplo:

Ao término do curso de enfermagem psiquiátrica o aluno deverá ser capaz de:

1. Planejar e executar os cuidados ... etc. (discriminar técnicas, tratamentos, habilidades mentais e verbais que o aluno deverá aprender ou desenvolver).
2. Responder oralmente ou por escrito a perguntas sobre ... etc. (discriminar todos os conhecimentos que deverá possuir).

Em se tratando de uma disciplina, é possível apresentar objetivos mais gerais, como no exemplo citado, agrupando as atividades desejadas sob nomes ou expressões comuns; quando se trata, porém, de uma das unidades da disciplinas, a

discriminação deverá ser mais detalhada, o mesmo acontecendo com os objetivos de uma aula ou de um assunto específico.

As metas pretendidas em relação ao desenvolvimento no educando dos elementos emotivos, isto é, de atitudes, ideais, preferências e apreciações, não serão abordados aqui, quando estão sendo tratados, apenas, os resultados concretos e mensuráveis do ensino, e isso por duas razões,principalmente:

1. É quase impossível medir as modificações na maneira de sentir do educando; os elementos emotivos são muito difiíceis de serem avaliados, especialmente quando não se conta com largo período de tempo para observação. O fato do estudante demonstrar, no decorrer do período destinado à disciplina,as atitudes dêle esperadas, não significa, realmente,que tenha modificado seu comportamento em definitivo, incorporando à sua vida novas apreciações e novos ideais;

2. A modificação de alguns dos ideais e de algumas atitudes que os estudantes já incorporaram à sua maneira de ser, e o desenvolvimento de outros ideais e outras atitudes constituem objetivos do programa total da escola e, por conseguinte, responsabilidade individual de cada um dos membros do corpo docente, independentemente do cargo que ocupa ou da disciplina que leciona. O processo iniciado no primeiro dia de aula, deverá prolongar-se durante todo o curso, num esforço consciente e conjunto das professoras para o aperfeiçoamento do estudante - o futuro profissional.

O conteúdo dos programas

Determinados os propósitos do curso, a professôra inicia a fase seguinte que consiste justamente em dividir em unidades didáticas tôda a instrução que tenciona dar aos estudantes; deverá agrupar os assuntos relacionados entre si sob uma designação geral que dê a idéia do conteúdo de tôda a unidade. Ao proceder a essa operação, avalia cada um dos tópicos do programa, selecionando os itens que devem permanecer e retindo tudo quanto seja supérfluo e sem importância, as informações repetidas ou de caráter especulativo não contidas nos objetivos da disciplina.

Funcionando a unidade didática como um pequeno curso, deverá conter tôdas as experiências de enfermagem re

lacionadas à parte teórica. Seria preferível, até, planejar primeiro a experiência clínica que o aluno deve ter e em torno de la construir o programa teórico, dado que a finalidade deste é servir de base para melhorar a assistência de enfermagem que o estudante deverá dar.

A maneira pela qual pode ser organizado o conteúdo da disciplina vai depender da habilidade da professora e das facilidades que o campo de prática oferece. Os assuntos poderão ser agrupados:

1. Focalizando as afecções dos diversos sistemas ou aparelhos, de acordo com a divisão usual anátomo-fisiológica do corpo humano; utilizado no ensino da medicina, é o tipo de organização preferido pelas professoras de enfermagem, por ser o mais conhecido e o mais conhecido e o mais cômodo. Sholtis e Bragdon (2) citam algumas de suas desvantagens: a) é muito metodológica, deixando pouca chance ao livre curso da imaginação; b) favorece repetições; c) o paciente nem sempre é visto como uma pessoa; d) o sistema torna difícil a correlação entre a teoria e as experiências clínicas; e) o curso poderá ser indevidamente prolongado, a menos que a professora limite o número das doenças que devam ser incluídas em cada um dos aparelhos ou sistemas;

2. De acordo com a gravidade dos casos e, portanto com o tipo e qualidade dos cuidados de enfermagem que exigem: cuidados intensivos, cuidados comuns ou de intensidade média e cuidados gerais a pacientes semi-independentes;

3. De acordo com o grupo etário: assistência a crianças de qualquer idade e em qualquer tipo de doença, assistência a doentes na idade adulta, e assistência aos velhos.

Será também possível organizar o conteúdo da disciplina em torno de problemas e situações de enfermagem; de sintomas ou grupos de sintomas; ou ainda tomando um determinado paciente e sua doença para centro de interesse da classe;

(2) Sholtis, A. Lillian | and | J. S. Bragdon - The Art of the Clinical Instruction. Philadelphia, Lippincott, 1961, p. 51.

o estudo de um doente em todos os seus aspectos, desde a aná tomo-patologia até os cuidados de enfermagem, incluindo a tera pêutica a essência do ensino globalizado aplicado ao ensino da enfermagem.

Embora exista uma tendência para evitar o tipo de organização de conteúdo por sistemas, quase todos os progra mas atuais ainda apresentam essa forma. De qualquer maneira, o que importa é a discriminação das unidades didáticas com o respectivo conteúdo, a provisão de tempo para a sua aprendiza gem e o tipo de atividades planejadas para o estudante.

Em relação a êses dois últimos tópicos é impor tante que se faça o plano considerando: a) o tempo destinado ao ensino, isto é, o número de horas de aula teórico-práticas e o tipo de atividades docentes e discentes: instrução teórica e de monstrações, prática no laboratório quando necessária, visitas e excursões, ensino clínico planejado e ocasional, etc.; b) o tempo destinado à experiência clínica: número de horas diárias de prática nas enfermarias e o período total de estágios.

A experiência clínica consome a maior parte do tempo destinado a uma disciplina de enfermagem e não poderia ser de outra maneira uma vez que a profissão é essencialmente técnica e exige prática no campo, anterior ao seu exercício. Essa prática, porém, não é desligada do conteúdo teórico do curso; as professôras acompanham os alunos no estágio e jun to ao doente continuam ensinando, corrigindo falhas, orientan do. Há sempre uma proporção razoável de tempo de aprendiza gem, para cada aluno, dentro do período de experiência clínica, chamado de instrução clínica ou ensino clínico e que poderá, ou não, ser programado antecipadamente.

A fim de facilitar a uniformidade na interpretação da expressão ensino clínico, será conveniente conceituá-lo to mando por base um dos critérios prevalentes entre as professô ras de enfermagem.

Ensino clínico - consiste na instrução dada aos a lunos no ambiente de trabalho (enfermarias) ou em sala de aula, relacionado com o tratamento e com a assistência de enferma gem a um determinado doente ou a determinado grupo de doen tes. A professôra estará fazendo ensino clínico toda vez que der explicações, fizer explanações ou demonstrações, organi zar conferências, visitas, grupos de discussões ou programar

quaisquer outras atividades em torno ou relacionadas a cuidados de enfermagem a serem prestados, pelos alunos, aos pacientes. Consiste, portanto, em suplementar o ensino essencialmente teórico; em ensinar o estudante a prestar assistência completa de enfermagem; em ajudá-lo a aplicar os seus conhecimentos teóricos na prática diária com seus pacientes; em estimular seu desenvolvimento intelectual e técnico. O ensino clínico é a essência do ensino de enfermagem.

Há dois tipos de ensino clínico: planejado ou formal, é aquele em que a instrução acompanhada das atividades correspondentes é programada com antecipação, havendo previsão de tempo nos planos de curso e de unidade; ocasional, incidental ou informal é a instrução dada de acordo com as situações novas que surgem na enfermaria, isto é, relacionada diretamente com o trabalho diário dos estudantes durante o estágio. Não há, nem poderia haver, previsão de tempo para esse tipo de ensino.

Resumindo os vários pontos desta análise, poderíamos concluir que:

1. O planejamento cuidadoso do programa das cadeiras de enfermagem é de suma importância e deve ser feito levando em consideração: o educando, os objetivos do curso em termos do comportamento final desejado e a divisão da matéria em unidades didáticas, nelas incluindo a parte teórica e a prática correspondente.

2. O ensino clínico constitui a essência do ensino da enfermagem e a ele deve ser dada grande parte da atenção da professora.

Referências bibliográficas

- BROWN, A. F. - Curriculum para escuelas de enfermería. México, Centro Regional de Ayuda Técnica, 1964.
- HEIDGERKEN, L. E. - Enseñanza de la enfermería. México, Centro Regional de Ayuda Técnica, 1962.
- MAGER, R. F. - Preparing instructional objectives. Palo Alto, Fearon Publishers, 1962.
- MATTOS, L. A. de - Sumário de didática geral. Rio de Janeiro, Aurora, 1957.

MATTOS, L. A. de - Os objetivos e o planejamento do ensino.

Rio de Janeiro, Aurora, 1957.

SHOLTIS, A.L. |and| BRAGDON, J.S. - The art of clinical instruction. Philadelphia, Lippincott, 196

CARVALHO, Amália C. de - Programação das cadeira de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2 (1) : 17-27, mar., 1968.